

Notas sobre a revisão da tradução da peça teatral de Nereide Santiago, intitulada *A Busca*, para o inglês.

Lillian DePaula

O empenho da tradução é significativo pois só se traduz algo que diz algo a alguém, alguém também tradutor. O empenho é constante pois somos, cada um, tradutores e incessantemente atravessamos a ponte entre *eu* e *você*; nem sempre a ponte fica de pé, ela pode falhar e nos afogamos em mar de desentendimentos. Meu empenho pessoal diante da tradução de determinados textos e formas de expressão vai de zero até zero à esquerda. Como traduzir o manual de um equipamento para o qual não sei dar sentido? Como falar sobre *Noites Brancas*, sem consultar a geografia? De qualquer lado que a gente se aventura, só descobertas novas nos aguardam, pela tradução. Embarcar na tarefa da tradução depende de humildade e paciência para admitir que o esforço demanda muita atenção pois a cada esquina existe engano. E salvação. É o esplendor e a miséria da tradução, demonstrou Ortega y Gasset.

Experimento com frequência (perdoem-me) a ilusão de ser capaz de traduzir algo com excelência. Alguém me apresenta um texto e aceito. É claro, sempre ouvi dizer, se você conhece mais de uma língua, pois então, você pode traduzir. E pode. Mas não é exatamente *sopa*, nem *a piece of cake*. A tradução das células, como a tradução das palavras decidem o florescimento e a morte do corpo, da língua. Sempre, nas traduções, precisamos ficar atento aos telômeros, ao que se perdeu, se existem formas de ganhar. Existem muitas.

Depois de traduzir o manual sobre equipamento utilizado na engenharia não sei das quantas, preciso revisar o bendito texto chato (que vai ajudar pagar as contas), com um especialista da área. Preciso consultar referências métricas, preciso ter certeza que a tradução não vai engolir um parágrafo fundamental, prejudicando a compreensão do leitor. Tradução é escola que abre a boa observância para o mundo ao redor, especialmente àquele ao redor das palavras. Palavras que combinam bem numa língua podem ou não combinar bem em outra.

A peça teatral *A Busca* pode parecer simples, diálogos curtos, vocabulário acessível. Leitura rápida, sem atropelos. Mas, o texto escrito com o intuito de ser encenado é um texto muito distinto e, isso, por uma razão muito simples: no texto teatral acontece uma inversão do *natural*. Em geral, a fala vem primeiro, mas a fala teatral primeiro vem pela escrita. Fato simples, aparentemente, mas ponto de valiosa

importância no momento de realizar a revisão da tradução interlingual, a tradução de uma língua para outra, no nosso caso, do português para o inglês.

O texto teatral é gênero que geralmente inclui um paratexto que lhe é particular: as direções para a encenação, as rubricas. Aqui o conhecimento da *língua* usada para descrever o espaço e a ação dos atores, apesar de aparecer entre parêntesis, é como o remo do barco. A escolha lexical nem sempre será resolvida pelo *google translate*. É preciso que o tradutor, quando recorrer aos dicionários computadorizados, faça como o de sempre...verifique as possibilidades antes de escolher uma sobre a outra.

Hoje o tradutor experiente pode adquirir programas específicos para realizar uma tradução, programas que criam bancos de dados para o tradutor e ajudam o tradutor estar atento à *continuidade*, termo que adoto do cinema e que garante que uma cena gravada no decorrer de dias, quando na tela só se transpiram poucos minutos, não venha com incongruências: tipo, a barba do ator cresceu! E ela trocou de camisa! Programas que garantem ao tradutor a impossibilidade de cochilar ou de pular palavras, vírgulas, parágrafos e, pasmem! Até páginas! Antes da tradução computadorizada muitos cortes aconteciam. Muitas adições também.

Os tradutores da peça *A Busca*, Evandro Santana e Ronald Gobbi, são pesquisadores com Mestrado nas áreas de linguística e literatura. Estudaram teoria da tradução e foram convidados, por esta revisora, para traduzir a peça e depois comentar as etapas da tradução. Esta etapa do projeto ainda está em progresso, apesar do processo da tradução já, como constatamos com a presente publicação, estar quase encerrada. Digo “quase”, pois a última etapa do processo inclui ouvir a leitura dramática em inglês, com os leitores e o público dessa língua de ouvidos atentos para algo destoando, desagradável.

Aqui nessa nota, temos os comentários da revisora, sobre a tarefa de revisar a tradução de uma peça teatral. Os dois tradutores, Evandro e Ronald, participaram de estudos e práticas referentes à tradução e embarcaram, juntamente com esta revisora, na tarefa de descrever aquilo que se aprendeu, descobriu, melhor percebeu, a partir do exercício de traduzir algo.

Vou mencionar três questões que precisam ser desdobradas em artigos mais demorados:

1. Quem pode traduzir o texto teatral? Quais são as exigências feitas ao tradutor, pelo texto? De que modo o texto teatral se diferencia dos outros gêneros literários?
2. O texto bilíngue, apresentado lado ao lado, como ferramenta para a revisão e as possibilidades apresentadas pela leitura estereoscópica;

3. A função pragmática e estética de se realizar uma leitura dramática bilíngue do texto.

Os temas apontam à ligação que faço entre o traduzir e o apreender e, é claro, o aprender. Busco, pelo exercício da análise de traduções realizadas, experimentadas, descobrir como os limites e a fricção entre línguas abrem novas maneiras de superar a percepção de que traduzir é “sopa”. Traduzir é assunto da maior importância, é prática que permeia o nosso cotidiano. Cada um de nós possui pelo menos uma história ilustrando falhas na compreensão entre pessoas da mesma língua, da mesma família. Sim, traduzir o pensamento, tornar visível aquilo que não se vê, não garante que a compreensão do outro coincida com aquela do falante/tradutor. Quando acompanhamos as etapas da tradução, no caso, de nossa peça “A Busca”, etapas de estudos se abrem. É preciso ler a peça como se tivesse a intenção de realizar uma montagem. A leitura dramática é solução e não é incomum a escolha sobre a montagem de determinada peça venha a partir de uma leitura feita, ao redor de uma mesa, por leitores, autores, diretores.

Foram 10 peças teatrais da região Amazônica que acompanhei pela tradução, revisão e crítica, em 2016. A proposta de desdobrar o ato de traduzir e de refletir sobre as decisões tomadas é o campo habitado pelo Programa Quintahabilidade (UFES) e pelos projetos que desenvolve com o Quinta no Quintal, isso é com a tradução em pauta, em exame como prática que pode servir de ferramenta, sem par, aos educadores de qualquer área de conhecimento e que, por essa razão, pode participar da atenção dos educadores em formação, através de cursos na área de Estudos da Tradução.

Durante as primeiras leituras na área de teoria da tradução, o geógrafo, o pedagogo, o cientista ainda em formação pode ficar confuso. Ora, o que sei sobre línguas para estudar estudos da tradução? Depois de algumas leituras, no entanto, as leituras fazem conexões com aquilo que somos. Somos, essencialmente, tradutores com a árdua tarefa de comunicar o mundo, com os limites que as diferentes línguas nos impõem.